



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

HISTÓRIAS DE VIDA: A POTÊNCIA DO CRIAR COMO ATO DE RESISTÊNCIA

Tais Eduarda Marciel dos Santos Ferreira¹
Áurea Augusta Rodrigues da Mata²

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte do terceiro capítulo da dissertação “Histórias de violências domésticas em Tabira-PE: corte e costura como forma de expressão nos espaços intramuros e extramuros da AMURT”. O objetivo central da pesquisa é compreender o fenômeno social a partir da experiência vivida, das narrativas e das memórias evocadas pelo contato direto com a realidade, por meio da inserção da pesquisa na Associação do Movimento de Mulheres Urbanas e Rurais de Tabira-PE (AMURT). Especificamente, busca-se compreender os impactos da violência doméstica e o papel da AMURT como espaço de acolhimento, resistência e luta. Tal análise, reforça a singularidade da customização entre a potência criadora como recurso para a expressão de sentido e escuta, experiências em campo emaranhado aos diversos fios das experiências do vivido dessas interlocutoras.

A violência em suas múltiplas facetas, desenvolve-se como apontado por Minayo (1994) e Hayeck (2009) no construto social, estando dessa forma imbricada a fatores culturais e subjetivos que encontram modo de expressões distintas da nossa sociabilidade. Transcorrendo por um imaginário social de inferioridade, naturalização e domínio da mulher e do seu corpo pelo homem. Imaginário este que demarca e constrói espaços conservadores e patriarcais, interferindo no rompimento dos ciclos de violência.

A relevância deste estudo é crucial para compreendermos como a naturalização e o controle sobre os corpos das mulheres operam socialmente, buscando promover a conscientização para a desnaturalização, desconstrução de comportamentos agressivos e desenvolver e executar políticas públicas eficazes. Políticas essas que estão alinhadas a espaços coletivos, como a própria associação de mulheres estudadas, que a partir de suas experiências

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

do vivido, da potência do criar caminhos outros de resistência e sobrevivência ressignificam suas experiências de dor construindo processos de denúncia e autonomia.

A pesquisa adotou a abordagem qualitativa, de caráter descritivo, de campo, com inspiração na etnografia. Além disso, a metodologia teve como instrumento central deste estudo, a ColchaNograma, ferramenta desenvolvida em campo, emergido a partir de diferentes técnicas, rodas de conversas, corte e costura, observação participante e de entrevistas semiestruturadas nas dependências da AMURT. Participaram do estudo 12 mulheres, entre 19 e 50 anos de idade, especialmente as mulheres inseridas nas oficinas de corte e costura. As interlocutoras, mulheres da AMURT em Tabira – PE evidenciaram ao longo da pesquisa que vivenciaram diferentes formas de violência doméstica.

REFERENCIAL TEÓRICO

A violência doméstica exige um olhar que ultrapasse a dimensão individual, reconhecendo os emaranhados atravessamentos históricos, sociais e culturais que a produzem e reproduzem. O capítulo três da dissertação, ‘‘Histórias de vida: A potência do criar como ato de resistência’’, nosso ponto de discussão neste recorte, a partir da observação participante, destaca que o enfrentamento e a resistência das mulheres diante das violências sofridas emergem de práticas criativas e coletivas passadas de geração para geração, como por exemplo, o bordado, a costura e outras expressões artísticas já evidenciada mais acima e realizadas pelas mulheres da AMURT.

A potência do criar relaciona-se, portanto, em um campo de luta simbólica e material, abrindo espaços de liberdade e autonomia. De acordo com as ideias de Butler (2019) e Carneiro (2011), a pesquisa enfatiza que resistir é, antes de tudo, afirmar a vida frente às estruturas que tentam negá-la. O que pode ser compreendido no entrecruzamento de raça, classe e gênero como descrito tanto por Schwarcz (2023) como por Carneiro (2011), demonstrando a partir dessa compreensão que a violência contra as mulheres não é episódica, mas estrutural e estruturante.

É notório, a partir das discussões tecidas por Girard (2008), que as mulheres socialmente são tidas como bode expiatório, ou seja, estão sempre na mira, ocupando um lugar social de sacrifício, vítimas perfeitas para a canalização e purificação da violência. Lógica que evidencia como os mecanismos de poder analisados por Foucault (1987) são capazes de atravessar corpos, instituições, naturalizando e colaborando para práticas de dominação. Nesse sentido, percebe-se, como descrito por Butler (2019) a vulnerabilidade e a precarização dos corpos e vidas femininas, evidenciando como as normas de gênero determinantes produzem e reproduzem violência.

COTIDIANO DAS MULHERES DA AMURT

As discussões e compreensões sobre os Direitos Humanos, especificamente no contexto da violência doméstica não está e não deve ser dissociado da luta contínua pela busca de condições dignas de vida e pelo fortalecimento dos vínculos comunitários. Em Tabira, PE município em que a pesquisa foi desenvolvida, a partir das interpelações das interlocutoras da pesquisa, ficou evidente que à ausência de políticas públicas efetivas fragiliza a rede de proteção social, expondo as mulheres a diversos fios cotidianos que sustentam práticas de violências e violações.

Essa lacuna aparece simbolicamente nos retalhos que compõem a ColchaNograma, ferramenta metodológica categorizada em campo, em que as próprias interlocutoras descrevem suas experiências do vivido por meio da potência do criar. Em um desses retalhos que aparecem na colcha e que foram construídos a partir das suas narrativas, encontra-se a representação da rede furada, construída com lã, uma categoria do campo, a qual metaforicamente a utilizam para referir-se ao descaso e ausência de políticas públicas eficazes que possam intervir de forma concreta para mudanças pertinentes nos contextos de violências que emergem em seus cotidianos.

METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa e descritiva, inspirada na etnografia, e foi construída junto às mulheres da AMURT (Associação do Movimento de Mulheres Urbanas e Rurais de Tabira – PE). O campo foi vivenciado entre agosto de 2024 e março de 2025, com a participação de 12 mulheres, com idades entre 19 e 50 anos. Para condução do estudo, utilizaram-se técnicas como observação participante, rodas de conversa, entrevistas semiestruturadas, diário de campo e dinâmicas interativas que emergiram do próprio movimento do campo. As observações foram registradas de forma contínua no diário de campo, o que permitiu captar gestos, falas espontâneas, silenciamentos e modos cotidianos de resistência.

As produções artísticas em retalhos, criadas pelas próprias mulheres durante as oficinas de costura, constituíram uma bricolagem (Lévi-Strauss,1970) de memórias, denúncias e resistências. Dessas produções emergiu a ferramenta central do campo: a ColchaNograma, instrumento de expressão e investigação que traduz, por meio de imagens e discursos, os contextos vivenciados pelas participantes. A construção da colcha ocorreu de maneira coletiva, guiada por perguntas orientadoras que as convidavam a simbolizar, através de linhas, cores e texturas, aspectos de suas vivências, dores, fugas e estratégias de enfrentamento. A união de cada retalho ao conjunto ampliava o mosaico de sentidos produzidos no campo.

A análise dos dados, ocorreu de forma sensível e processual, possibilitando articular as narrativas emergentes, das observações e dos elementos simbólicos presentes na colcha. A interpretação foi construída a partir da técnica da bricolagem (Lévi-Strauss, 1970) realizada em campo, organizada por meio da customização entre entrevistas, diário de campo, rodas de conversa, produções visuais. Também se apoiou em uma triangulação teórico-metodológica, ancorada em autores e autoras como Minayo (1994), Hayeck (2009), Lévi-Strauss (1970), Butler (2019), Carneiro (2011), Schwarcz (2023), Girard (2007) e Foucault (1987), entre outros (outras), considerando o entrelace entre memória, violência e criação como estruturas determinantes no processo interpretativo.

A pesquisa respeitou os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tiveram seus nomes preservados por pseudônimos e foram informadas sobre o caráter voluntário da participação. Em situações em que emergiram dores ou demandas emocionais, foram acionados os mecanismos de acolhimento interno da AMURT e, quando necessário, a rede de proteção local.

RESULTADOS

Os resultados encontrados ao longo da pesquisa demonstraram que a violência no município de Tabira -PE permanece como algo estrutural, tendo demarcadamente seus alvos certos, mulheres, sobretudo negras, pobres, sertanejas, ou seja, a interseccionalidade como chave de análise, esses marcadores de gênero, raça e classe endossa a precarização, dominação e violência dos corpos e vidas femininas (Carneiro, 2011),

Dessa forma, sua ausência não é no sentido de não existir, elas existem, embora sejam mascaradas em sua efetividade, como algo paliativo para o momento. A “rede furada” representação simbólica na ColchaNograma demonstra claramente esse cenário em que instituições, leis e normativas possuem furos que customizam a fragilidade das redes de proteção. Ao mesmo tempo, os dados também apontam para possibilidades de resistência, luta e ressignificação por meio da potência do criador, seja pela costura, pelo bordado ou até mesmo pelas suas narrativas que reafirmam e constroem espaços de pertencimento que emergem como linhas de fuga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação objetivou compreender as inúmeras dimensões da violência doméstica na cidade de Tabira -PE, por meio da experiência do vivido das interlocutoras da pesquisa, as mulheres da AMURT. O estudo alcançou seu objetivo ao demonstrar que a violência, ainda permanece com fio estrutural e interseccional. Os dados revelam ainda, os descompassos e

fragilidades das redes de proteção no município. A pesquisa também demonstrou a potência do fazer criativo, por meio da costura, bordado e da construção da ColchaNograma no entrelace do fazer e resistir coletivamente.

Entre as maiores contribuições da investigação, podemos apontar a valorização dos saberes locais e das práticas artísticas como metodologia de pesquisa e subsídio de sobrevivência, fuga dos lares e violência. Bem como a reflexão e a compreensão da necessidade de políticas públicas e ações integradoras que possam fortalecer as redes de apoio locais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Maria da Penha. **Lei nº .11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL, Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Ed. Paz e Terra S. A, 2008.

HAYECK, Cynara Marques. Refletindo sobre a violência. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional; USP, 1970.

MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 4. São Paulo: Companhia de Bolso, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência social sob a perspectiva da saúde pública**. Cadernos de Saúde Pública, v. 10, p. S7-S18, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/dgQ85GcNMfTCPByHzZTK6CM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2025.

